

Editora ABRIL - edição 1 589  
ano 32 - n° 11 - RS 4,00  
17 de março de 1999



# veja



## UNIDOS PELO DIVÓRCIO

Como se relacionam pais e filhos nos 14 milhões de famílias brasileiras formadas por segundos e terceiros casamentos

Editora ABRIL - edição 1 589  
ano 32 - n° 11 - RS 4,00  
17 de março de 1999



# veja



## UNIDOS PELO DIVÓRCIO

Como se relacionam pais e filhos nos 14 milhões de famílias brasileiras formadas por segundos e terceiros casamentos

# OS MEUS, OS SEUS

**Como divórcios, separações e novos casamentos estão mudando a família brasileira**

Alice Granato e Juliana De Mari

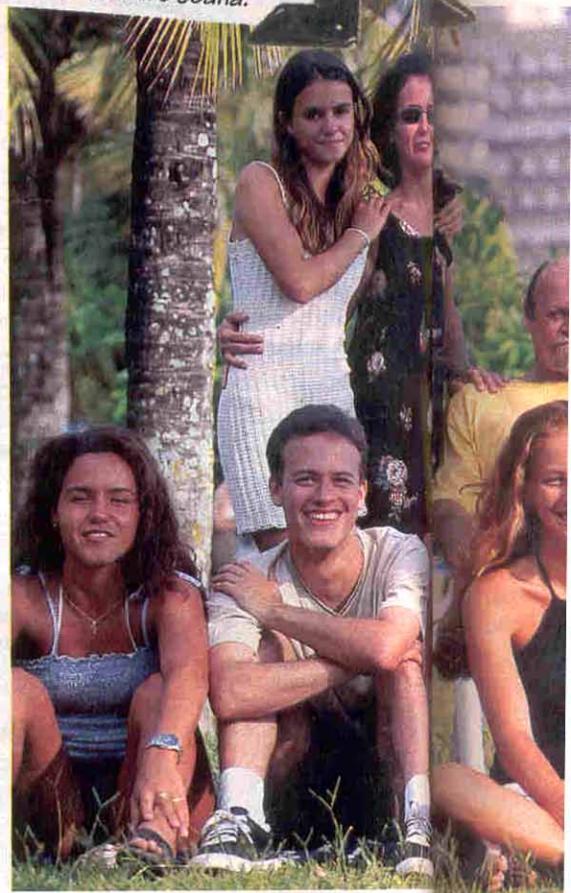
**T**udo começou na ressaca dos anos 70, num encontro casual no Rio de Janeiro. Ricardo conheceu Viviane, apaixonaram-se, trocaram juras de amor eterno, casaram-se numa cerimônia hippie, tiveram duas filhas e viveram felizes — até que o divórcio os separou. O desfecho dessa história, diferente do enredo dos contos de fada, marca o início de uma notável mudança de comportamento na sociedade. Hoje, há no Brasil aproximadamente 14 milhões de famílias resultantes de experiências como a de Ricardo e Viviane. É uma revolução nos costumes que abalou os alicerces de uma instituição que parecia sólida e duradoura. Aquela família convencional, em que maridos e mulheres viviam juntos até que a morte os separasse, ainda é muito forte, mas está perdendo terreno numa velocidade assombrosa. Dentro de mais vinte anos, a família nuclear, constituída de pais e filhos de um primeiro casamento, será minoria no país. O número de divórcios quase dobrou no Brasil em apenas dez anos. Já são cerca de 200 000 por ano (*veja quadros nas páginas seguintes*). Um em cada quatro casamentos termina em separação. De cada cinco bebês que estão nascendo neste ano, um vai viver em família de pais separados antes de atingir a vida adulta.

Um em cada quatro casamentos no Brasil acaba em separação

É o fim das famílias felizes? Não. A mudança nesse perfil tem sido acompanhada por outra, igualmente marcante, nos últimos anos. É a forma como a sociedade se tem adaptado ao novo padrão familiar. A idéia de que casamentos não vão necessariamente durar para sempre é cada vez mais aceita entre os diversos grupos e classes sociais. Até alguns anos atrás, o divórcio era um estigma que marcava pais e filhos para o resto da vida. Expressões como “mulher divorciada” ou “filho de pais separados” eram pronunciadas em voz baixa e de forma pejorativa. Crianças que viviam nessa condição eram muitas vezes proibidas de frequentar determinadas escolas e consideradas má companhia para os filhos de pais casados. “Nós sabíamos que havia na turma uma colega que era filha de pais separados, mas não falávamos disso”, lembra a educadora Cecília Helena de Souza Queiroz, que na década de 50 era aluna da tradicional escola Des Oiseaux e hoje dirige o colégio Nossa Senhora do Morumbi, ambos em São Paulo. “Qualquer comentário sobre separação era absolutamente sigiloso. A situação agora é outra.”



**Ricardo, que amava Viviane...**  
Nesta primeira foto, de 1979, Ricardo Albuquerque está casado com Viviane Maciel. Eles têm duas filhas, Julia e Joana.



...e os filhos dessas três famílias

Em 1989, Israel

# US, OS NOSSOS



...que foi viver com Israel...

Em 1989, Viviane, que se separou de Ricardo, está casada com Israel Berlinsky, com quem tem dois filhos, Thais e Tomaz.



...que era casado com Sheila...

Sheila Lizniewski, primeira mulher de Israel, aparece com os quatro filhos que teve com ele: Tamara, Daniel, Tatiana e Julia. A foto é de 1983.



Aqui, Viviane (de óculos) aparece com seu atual marido, Israel (de camiseta amarela), o ex, Ricardo (sentado, à dir.), e todos os filhos desses três casamentos: Thais, Tatiana e Joana (da esq. para a dir., em pé), Julia, Daniel, Julia, Tamara e Tomaz (sentados).

Antigamente, era fácil entender o desenho de uma família. Nele cabiam pai, mãe e filhos, avós, tios, sobrinhos, primos e primas. Eram relações de parentesco que se estabeleciam uma única vez e perduravam a vida toda. A mudança nesse padrão tem resultado em novos e surpreendentes quebra-cabeças familiares. Filhos de pais que se separam, e voltam a se casar, vão colecionando uma notável rede de meios-irmãos, meias-irmãs, avós, tios e tias adotivos. Filha do casamento do bancário Ricardo Albuquerque com a empresária Viviane Maciel (o casal carioca que aparece na abertura desta reportagem), a estudante Joana, de 21 anos, é um caso exemplar. Um ano depois da separação, sua mãe casou-se de novo, com o psiquiatra Israel Berlinsky, e Joana, que só tinha uma irmã, Julia, passou a ter sete — e, entre essas, havia mais uma menina chamada Julia. “É engraçado porque eu acabei tendo duas irmãs com o mesmo nome, Julia”, diz. “Para explicar, sempre foi a maior confusão.” Hoje, ela divide o quarto com duas dessas novas irmãs: Tamara, de 21 anos, filha do primeiro casamento de Berlinsky, e Thais, de 14, filha do segundo casamento de sua mãe com o psiquiatra.

## A mudança na escola

Essas duas fotografias ilustram a transformação na família brasileira. Na foto ao lado, Mariângela Raucci (no círculo) aparece numa turma dos anos 60 do colégio Dante Alighieri. Nenhuma dessas crianças tinha pais separados. Na foto abaixo, de 1998, a filha de Mariângela, Lucila, está com sua turma do Colégio Palmares, onde quase a metade das alunas é filha de pais divorciados.



Homero. O casamento monogâmico, em que os cônjuges prometem fidelidade eterna e irrestrita um ao outro — e às vezes até cumprem a promessa —, é uma novidade relativamente recente. No mundo ocidental, por força da doutrina cristã, ele se confundiu com o conceito de família perfeita e ideal. Em muitos casos funciona. Em outros, não, como provam as estatísticas de divórcios e separações. Sigmund Freud, o pai da psicanálise, não acreditava que os relacionamentos afetivos estivessem destinados a dar certo de uma vez por todas. Achava que as relações funcionavam sob uma base conflitiva e dependiam de talento (inato) e sorte. “Esse modelo idealizado de família serve apenas para atraparar”, afirma o psiquiatra Nosek.

Como resultado da idealização da família perfeita, muitos pais separados carregam uma imensa culpa e temem que suas experiências ruins se repitam com os filhos. Expectativas irreais tam-

bém ajudam a complicar novos casamentos de pessoas separadas. Estudos mostram que uma nova família leva de dois a dez anos para se tornar unidade coesa. Mas as pessoas tendem a achar que tudo vai dar certo logo na primeira semana. O processo de adaptação é lento, segundo os psicólogos, e

depende muito de como os pais lidam com a situação.

Construir uma sólida rede de apoio aos filhos durante a separação é fundamental para evitar problemas futuros. Avós, tios e primos ajudam a preencher a ausência do pai ou da mãe e esti-

mulam a criança a recuperar a autoconfiança. Algumas crianças sofrem excessivamente por assumirem a tarefa de levar recados para os ex-cônjuges. É natural que, numa separação, os parceiros carreguem mágoas um do outro, mas as impressões do casal não devem interferir na imagem que os filhos têm dos pais. Envolver os filhos num jogo de afeto e poder pode fazê-los desenvolver um medo excessivo de exercitar sua afetividade. Como ficam em apuros para tentar atender, e às vezes conciliar, duas figuras tão importantes para eles, tendem a achar que sempre perderão o afeto de um se tentarem conquistar o do outro. "A lealdade incondicional, quando exigida pelos pais, é um verdadeiro tormento para os filhos", afirma a psicóloga Cristiana Berthoud, que há doze anos trabalha com aconselhamento de famílias na Universidade de Taubaté, em São Paulo.

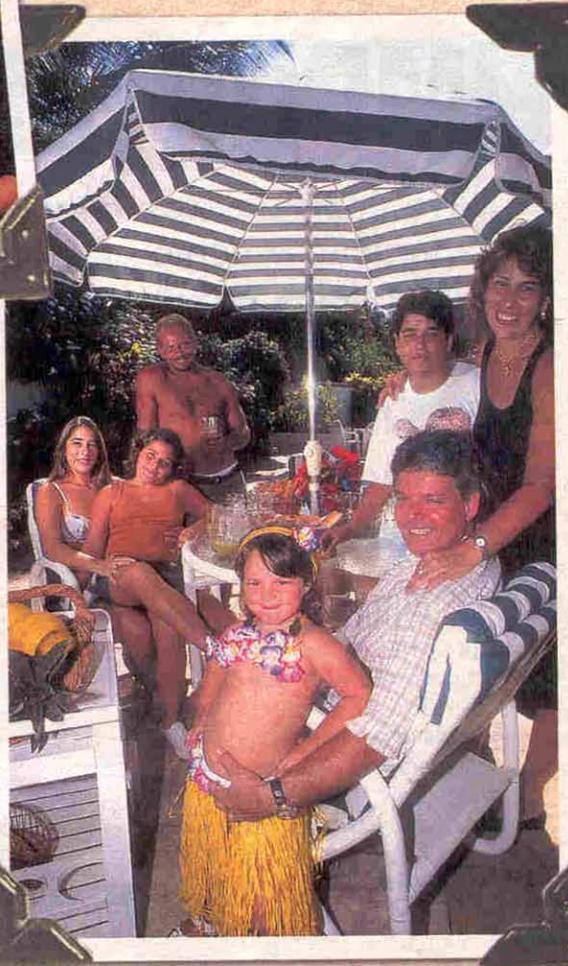
**Primeira onda** — A geração que hoje está chegando às faculdades e ao mercado de trabalho viveu experiências familiares inteiramente diferentes da anterior. São os filhos da primeira onda de divórcios e separações, ocorrida com casais que se conheceram nas décadas de 60 e 70. Esses jovens estão atingindo agora a idade de estabelecer seus próprios relacionamentos familiares. Filhos de pais divorciados estão condenados a também se separar? Pesquisas mostram que isso não é verdade. Um estudo feito na Inglaterra com cinquenta adultos filhos de pais separados revelou que dois terços dos que tinham casado mantiveram o relacionamento estável por mais de dezessete anos — índice semelhante ao de todas as pessoas de sua geração. "É claro que os filhos também terão seus problemas, mas eles jamais serão os mesmos dos pais", diz o psiquiatra Leopold Nosek.

Veja o exemplo da estudante paulista Maria Fernanda De Lamare, a Nanda, de 18 anos. Seus pais se separaram quando ela tinha 11 anos e duas irmãs. Seu pai, Nando De Lamare, chef de cozinha



## Um casal, seis casamentos, seis filhos

*Na foto menor, acima, Cristina Bion está com suas quatro filhas, de três casamentos: Daniela e Adriana, do primeiro; Mariana, do segundo; e Karla, do terceiro. Na foto maior, Cristina aparece com as filhas ao lado do atual marido, Carlos Cardoso, e os dois filhos, Alessandro e Eduardo, que ele trouxe de dois casamentos anteriores. Só a caçula, Karla, vestida de havaiana, é filha de Cristina e Carlos.*

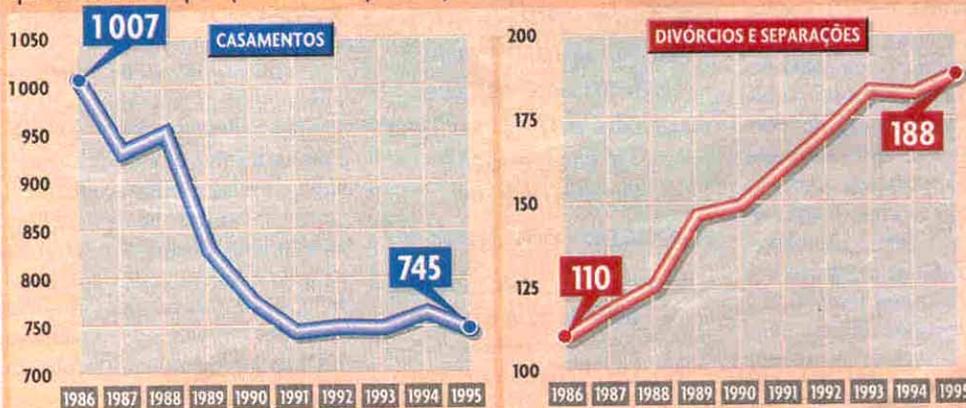


de um restaurante recém-inaugurado em São Paulo, casou-se com a artista plástica Patrícia Magano, que tinha dois filhos de um primeiro casamento. Sua mãe, Eliane, casou-se de novo com o publicitário Frederic Fermus, que também trouxe três filhos de dois casamentos anteriores. Hoje, portanto, Nanda tem mais cinco irmãos, tomados de empréstimo nes-

sas novas relações dos pais. Sim, ganhou mais cinco irmãos, uma segunda mãe e um segundo pai. "Tenho família para todos os lados", diz. Nanda vive feliz com seus novos irmãos, mas não quer repetir a experiência dos pais. Ela sonha ter uma única e estável família no futuro. "Gostaria de acertar de primeira e ter um casamento que durasse para sempre." ■

## Até que o divórcio os separe

Num período de dez anos, o número de casamentos caiu, enquanto o de divórcios e separações quase dobrou no país (em milhares por ano)



# IMPORTANTE É SER FELIZ

**Nove adolescentes falam sobre separação e como ela afeta a vida deles e dos amigos**

**A** convite de VEJA, nove adolescentes, alunos das escolas Elvira Brandão, Nossa Senhora do Morumbi e Palmares, de São Paulo, participaram de um debate sobre a transformação da família brasileira. Três são filhos de pais separados. Alguns trechos da conversa:

**Veja** — *Vocês acham que pais devem estar juntos acima de tudo ou, se julgarem necessário, devem se separar?*

**Andréia Bornacina** (13 anos, 7ª série, pais separados) — Tem gente que acha que os pais ficam mais felizes quando estão juntos. Os meus ficaram bem melhores separados.

**Karina Valente** (12 anos, 6ª série, pais separados) — O importante é estarem bem e felizes, sem brigar.

**Marcelo Arruda Fiúza** (11 anos, 6ª série, pais separados) — Meus pais se separaram porque estavam virando amigos. Eles se davam bem, mas não tinham mais aquele amor.

**Pedro Monteiro** (15 anos, 1º colegial, pais que moram juntos) — Meus pais se dão bem e nunca pensei na possibilidade de eles se separarem. Mas as coisas mudaram muito. Hoje, acho até que há mais chance. Não pelo relacionamento deles, que é bom. Mas porque está mais comum se separar.

**Veja** — *Como vocês sentiram a separação de seus pais?*

**Andréia** — Eu gostei. Acabaram as brigas e meu pai ficou mais legal com a gente. Antes da separação, ele permanecia até muito tarde no trabalho. Quando chegava cedo, sentava-se em frente da televisão. Com a separação, eu e meus irmãos conhecemos mais pessoas. Agora, aproveita-

mos melhor o tempo juntos.

**Karina** — Às vezes, eu quero sair com meu pai e não dá tempo. A gente sai a cada quinze dias, mas nem sempre ele pode me ver. Sinto falta dele. Quando vejo minhas amigas com os pais juntos eu sofro.

**Marcelo** — Meu pai quer estar sempre presente. Minha irmã acha ele até meio sufocante. A gente o vê pelo menos três vezes por semana. Meus pais se respeitaram muito.

**Veja** — *Vocês acham que a separação prejudica o desempenho na escola?*

**Vinicius Calderoni** (13 anos, 8ª série, pais que moram juntos) — Na minha escola é moda ser filho de pais separados. Na maioria dos casos eu achei que o desempenho caiu na época da separação.

**Andréia** — Quando meus pais se separaram, eu chorava muito na escola. Quando tinha prova, e eu ia mal, chorava também. Aproveitava e chorava pelos dois motivos.

**Veja** — *Como é a convivência com os novos irmãos?*

**Andréia** — A mulher do meu pai já tinha dois filhos antes de casar com ele. As idades são parecidas com a minha e a do meu irmão. Minha melhor amiga acabou sendo minha irmã. Às vezes a gente briga por causa de menino!

**Karina** — Meu pai

tem uma filha de 2 anos do seu novo casamento e eu me dou superbem com ela. A mulher dele está esperando outro filho, que vai nascer em abril.

**Veja** — *Vocês têm ciúmes dos novos pais e irmãos?*

**Karina** — Eu acho que meu irmão mais velho sente mais. Ele é homem, né? Sente falta de um pai. A minha irmã menorzinha, do segundo casamento, chora quando eu estou de mãos dadas com meu pai.

**Andréia** — Tem homens que querem namorar minha mãe. Mas quando ela fala que tem três filhos eles somem. Eu



*"Tem gente que acha que os pais são mais felizes quando estão juntos. Os meus pais ficaram bem melhores separados."*

**Andréia Bornacina, 13 anos, filha de pais separados**



"Nunca pensei na hipótese de os meus pais se separarem. Lógico que há brigas, mas fico torcendo para que isso não aconteça"

**Vinicius Calderoni, 13 anos,**  
cujos pais vivem juntos

dos há vinte anos e se dão muito bem.

**Veja** — Vocês acham que seus pais têm medo de que suas experiências ruins se repitam com vocês?

**Pedro** — Meu pai fala "fica esperto", só isso.

**Karina** — Minha mãe sempre fala para pensar antes de fazer alguma coisa. Depois pode ser tarde demais.

**Veja** — Vocês pensam em casar?

**Pedro** — O ruim do casamento é o casamento. É muita rotina. Acho legal viver em casas separadas. Eu casaria só para ter um filho.

**Vinicius** — É preciso mudar o texto do padre.

**Os estudantes no prédio de VEJA: mudanças na escola, em casa e uma nova visão da família**

Quando ele fala "até que a morte os separe", deveria ser "até que uma briga os separe".

**Veja** — O que vocês esperam de uma família?

**Marília** — Família não é só pai, irmãos, tios, avós. É também aquela pessoa que a gente ama. Não é só o sangue. Precisa ter compreensão, carinho, amor. O que torna a família meio insuportável é a convivência. Mas isso precisa ter, né?

**Daniel Lacreta (13 anos, 8ª série, pais que moram juntos)** — Família é uma relação de paz, amor, união. Isso só não acontece lá em casa porque meu irmão é um pentelho (risos).

separados ficam com mais liberdade.

**Vinicius** — Nunca pensei na hipótese de meus pais se separarem. Lógico que há brigas, mas fico torcendo para que isso não aconteça.

**Veja** — Vocês acham mesmo que filhos de pais separados têm mais liberdade?

**Marcelo** — Meus pais são separados e minha irmã de 15 anos sempre reclama que quer mais liberdade. É sempre assim.

**Thomaz Éder (13 anos, 7ª série, pais que vivem juntos)** — Na minha casa, meus pais são casados, mas cada um pensa de um jeito.

**Lucila Raucci (13 anos, 8ª série, pais que moram juntos)** — Lá em casa todo mundo tem liberdade. Meu pai fala dos negócios dele, a gente fala dos nossos problemas. Meus pais são casa-

tenho medo que ela se case e nossa relação mude. Se ela for arranjar um namorado, ele tem de gostar bastante da gente. E ser bonito.

**Marcelo** — Minha irmã é muito agarrada ao meu pai. Tem ciúmes dele. Mas quando ele arranja uma namorada, ela acaba conversando com a garota.

**Veja** — A vida de quem tem pais casados é muito diferente do que eles estão contando?

**Marília de Souza Lima (14 anos, 8ª série, pais que moram juntos)** — Meus pais fazem questão de jantar com toda a família reunida. Querem que eu conte tudo que faço, o tempo todo. Às vezes aborrece. Dá até vontade que eles se separem. Acho que os filhos de pais